

Enquanto os musicais e shows ficavam um tanto quanto presos a uma estrutura de palco num estilo bastante radiofônico como se as câmeras estivessem num auditório, procurava-se realizar o teleteatro com ritmo de cinema, na medida do possível, é claro.

Para o crescimento e amadurecimento da televisão, o TV de Vanguarda foi decisivo. Se ela, naqueles tempos, se constituía num grande laboratório onde todos eram leigos, de todas as suas salas, o TV de Vanguarda foi a mais importante. Ali cresceram e amadureceram produtores, atores, autores, diretores, sonoplastas, iluminadores, técnicos, cenógrafos e todo o gigantesco corpo de que se compõe uma emissora de televisão.

Permanecendo no ar de 1952 a 1967, perfazendo praticamente quase dezesseis anos de existência, o TV de Vanguarda apresentou ao todo cerca de quatrocentos espetáculos, compreendendo textos de Sófocles a Guimarães Rosa, de Shakespeare a Dostoiwsky e Brecht. (Foto 10)

Desde o princípio ficara estabelecido que o Teatro de Vanguarda, depois TV de Vanguarda, seria quinzenal, pois este era o tempo mínimo necessário que se podia exigir para a escolha de um texto, sua adaptação e produção, escalação de elenco, ensaios e finalmente a transmissão ao vivo.

O plano inicial era o de revezamento a cada espetáculo de produtores e atores, pois o trabalho diário no sem-fio absorvia quase todo o tempo disponível daqueles profissionais, e muitas vezes os ensaios de TV ocorriam entre a transmissão de um programa de rádio e outro. Além do mais os atores presos às atividades radiofônicas e da própria televisão precisavam decorar os textos no espaço de poucos dias.

Como vimos no capítulo anterior, Dionísio Azevedo produziu o espetáculo inaugural do TV de Vanguarda, uma vez que Walter George Durst não se interessara muito pelo mesmo. O segundo programa fora entregue a Cassiano Gabus Mendes, que encenara A Vida por um Fio. Somente a partir do terceiro espetáculo Durst aderiu ao programa, quando então produziu Crime sem Paixão, adaptação de um script de Ben Hecht, conhecido roteirista de Hollywood. Iniciava assim um trabalho que por cerca de dez anos levaria adiante quase que sozinho, sendo o responsável pela maioria dos textos apresentados. Em alguns momentos Dionísio Azevedo voltado para espetáculos mais ambiciosos como, por exemplo, Otelo ou Hamlet, revezava-se com Durst nas responsabilidades de adaptação e produção. Durante esse período outros adaptadores, como José Marques da Costa e Fernando Faro, também assumiram essa incumbência, mas de modo geral a grande maioria dos textos encenados no TV de Vanguarda foi adaptada por Durst.

O programa, que ia ao ar aos domingos à noite, desde o início encontrou receptividade por parte do público. A cada nova transmissão os telefones da emissora tocavam e telespectadores entusiasmados externavam seus cumprimentos à produção, elenco e demais membros da equipe. Diariamente cartas de congratulações, algumas até mesmo com sugestões, chegavam à estação. Tais manifestações soavam como os aplausos que o elenco de uma peça recebe no teatro e cujo calor o artista de televisão não pode sentir no momento da transmissão.

2

O esquema de produção, em face das exigências do rádio e da própria televisão, ambos vorazes consumidores, era complicado. De um modo geral, a TV Tupi tinha um elenco fixo, oriundo do rádio. Assim, em primeiro lugar, as peças deveriam ajustar-se ao cast disponível, sendo portanto necessário encontrarem-se textos adequados para aquele elenco.

Terminada a transmissão de um TV de Vanguarda, o produtor tinha três ou quatro dias para procurar um novo texto, com liberdade de escolher o que desejasse. O importante era que por volta de quinta-feira a adaptação estivesse pronta e entregue à mecanografia para ser datilografada e rodada nas copiadoras. Distribuídas as várias cópias no sábado para o elenco e demais membros da equipe tanto técnica quanto artística, os ensaios iniciavam-se na segunda-feira seguinte, arrastando-se entre uma atividade e outra durante as duas semanas subseqüentes. Na sexta-feira da segunda semana, à noite, depois das 22 ou 23 horas, iniciava-se a montagem do cenário, o qual, nas grandes produções, chegava a ocupar três estúdios obrigando a interdição destes em detrimento, às vezes, do resto da programação. Os trabalhos de cenografia, em alguns casos, estendiam-se por todo o sábado e mesmo domingo, acontecendo muitas vezes de só estarem prontos quase no momento de a transmissão ser iniciada. Apenas no domingo à tarde é que os ensaios eram realizados no próprio cenário, com a presença dos câmeras e diretor de TV, freqüentemente em meio ao trabalho de carpintaria, pintura e retoques finais.



(Foto 10) Percy Aires, Cassiano Gabus Mendes e Lia de Aguiar em O Idiota, de Dostoiwsky. TV de Vanguarda — TV Tupi — São Paulo. Foto/Arquivo de Lia de Aguiar

(4) Depoimento de Cassiano Gabus Mendes ao IDART, São Paulo, 8 de novembro de 1976.